



**HISTÓRIA ORAL E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DO
MUNICÍPIO DE NOVA RUSSAS (CE) – REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE
GEOGRAFIA**

**ORAL HISTORY AND CONTINUED TEACHER TRAINING IN THE
MUNICIPALITY OF NOVA RUSSAS (CE) - REFLECTIONS ON GEOGRAPHY
EDUCATION**

**HISTÓRIA ORAL Y LA FORMACIÓN CONTINUADA DE PROFESORES DEL
MUNICIPIO DE NUEVA RUSSAS (CE) - REFLEXIONES SOBRE LA ENSEÑANZA
DE GEOGRAFÍA**

Maria do Socorro Correia Costa¹
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda²

RESUMO

Os percursos da formação de professores são feitos de muitos meandros. Trata-se de uma trajetória construída por políticas educacionais, busca de crescimento e valorização profissional, perspectivas de mudanças. Nesse caminho, vários autores têm realizado pesquisas e promovido espaços de reflexão contribuindo na construção do professor de geografia: Callai (1995), Cavalcanti (1998/2008), Castellar (2010), Sposito (2010) Holanda (2013) entre outros pesquisadores. Posto isso, objetiva-se analisar as formações continuadas de professores de Geografia no município de Nova Russas – CE, e suas contribuições para uma práxis pedagógica significativa. Trata-se de uma pesquisa que utiliza a história oral como metodologia onde o sujeito entrevistado e a pesquisadora poderão em suas narrativas refletir sobre sua práxis docente considerando a relevância formação continuada de professores.

Palavras-chaves: História Oral, Ensino de Geografia, Formação de Professores.

ABSTRACT

The routes of teacher training are made up of many meanders. It is a trajectory built by educational policies, search for growth and professional appreciation, prospects for change. In this way, several authors have carried out researches and promoted spaces of reflection contributing to the construction of geography teacher: Callai (1995), Cavalcanti (1998/2008), Castellar (2010), Sposito (2010) Holland (2013) among other researchers. The objective of this study is to analyze the continuing training of teachers of Geography in the municipality of Nova Russas, and their contributions to a meaningful pedagogical praxis. It is a research that uses oral history as methodology where the subject interviewed and the researcher can in their narratives reflect on their teaching practices the relevance of continuing teacher training.

Keywords: Oral History, Geography Teaching, Teacher Training.

¹ Mestranda do curso de Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG/UVA). Email: [socorrokosta@hotmail.com].

² Professora do curso de Geografia do Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG/UVA) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Email: [virginiaholland@hotmail.com]



RESUMEN

Los caminos de la formación de los maestros están hechos de muchas complejidades. Se trata de una trayectoria construida por políticas educativas, buscando el crecimiento y la apreciación profesional, las perspectivas de cambios. De esta forma, varios autores han realizado investigaciones y promovido espacios de reflexión contribuyendo en la construcción del maestro de geografía: Callai (1995), Cavalcanti (1998/2008), Castellar (2010), Sposito (2010) Holanda (2013) entre otros investigadores. Habiendo dicho eso, el objetivo es analizar las formaciones continuadas de profesores de Geografía en el municipio de Nova Russas - CE, y sus contribuciones a una praxis pedagógica significativa. Es un estudio que utiliza la historia oral como metodología donde el sujeto entrevistado y la investigadora pueden en sus narrativas reflexionar sobre su práctica docente considerando la importância de la formación continuada de profesores.

Palabras claves: Historia Oral, Enseñanza de Geografía, Formación de Profesores.

INTRODUÇÃO

Iniciarei esse artigo contando em primeiro minha própria história com relação com a geografia que alinhava-se no final da década de 90 quando começo minha graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação de Crateús – FAEC, curso de extensão da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Ao cursar a disciplina “Ensino de Geografia” tive o primeiro contato com as correntes e pensadores dessa ciência, influenciando decisivamente em minha formação acadêmica pois a partir dessa disciplina elaborei ao final do curso uma monografia que tratava da análise do livro didático de Geografia. Desse momento em diante comecei a lecionar a disciplina de Geografia no Ensino Fundamental II na Escola Bambino e no Ensino Médio no Colégio Estadual Olegário Abreu Memória.

Com as mudanças em curso no Brasil e no Ceará em virtude da aprovação de Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s entre outras diretrizes a partir dos anos 2000 para lecionar nas escolas estaduais era necessário uma graduação por área específica, ficando a formação em Pedagogia sem campo de atuação naquele momento. Diante desse contexto, iniciei em 2003 o Curso de Licenciatura Específica em Geografia pelo Instituto Vale do Acaraú – IVA em Nova Russas e assim tive a oportunidade de estudar e aprofundar os conhecimentos acerca dessa ciência como também cresceu em mim a vontade de pesquisar, compreender as diversas nuances dessa disciplina, desenvolvendo uma paixão muito grande por essa ciência.

De acordo com Holanda e Martins (2010, p.150),

A criação da LDB – Lei de Diretrizes e Bases em 1996 desencadeia uma série de mudanças na educação brasileira, sendo emblemáticas as novas



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

propostas curriculares sistematizadas, sendo nos Parâmetros Curriculares Nacionais, implantação do índice de Avaliação Escolar, valorização do magistério, política de qualidade docente, entre outras. Tais ações acabam por trazer de forma mais incisiva um quadro mais real dos problemas que envolvem o sistema educacional brasileiro.

Após a conclusão do curso em 2007, voltei a lecionar Geografia nas escolas estaduais como também exigi minha lotação na rede municipal de ensino nesta disciplina. Desde então venho estudando para ministrar boas aulas como também despertar no aluno a paixão pela geografia, a compreensão do seu papel crítico no entendimento das contradições que nos cerca, o conhecimento das forças naturais que estruturam nosso planeta.

Em 2017 consegui realizar um sonho antigo que foi a aprovação no Mestrado Acadêmico em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, e aqui estou tendo a oportunidade de novas aprendizagens, vivências, enriquecimento pessoal, momento impar que proporcionará mudanças na minha práxis, desenvolvendo ainda mais o gosto pela pesquisa, a possibilidade de dialogar com grandes mestres da Geografia.

Comungo com as ideias de Giroto (2015), quando ele afirma:

Trata-se de reconhecer que, além de conteúdo disciplinar, presente nos mais diferentes currículos, a Geografia é uma das dimensões fundantes da prática educativa e da existência humana. Configura-se como condição de humanização, afinal, não é possível ser a-espacialmente. E neste ponto faz-se necessária ressaltar que, antes de conhecimento sistematizado, a Geografia é uma condição de existência.

Nesse diálogo com estudiosos sobre o ensino de geografia, formação de professores e didática da geografia Callai (1995), Cavalcanti (1998/2008), Castellar (2010), Sposito (2010), Holanda (2013) e Giroto (2015), entre outros, despertou o interesse em pesquisar sobre a geografia que se estuda nos cursos de graduação e sobre a geografia que se ensina nas escolas, procurando compreender de que maneira os conhecimentos adquiridos nos cursos de graduação e formação continuada contribuem para que as aulas de geografia sejam interessantes e relevantes para os alunos. Quais desafios enfrentados pelos professores que só contam com recursos como o pincel e o livro didático? Como falar de mundo globalizado e revolução técnico científico-informacional se o aluno não tem acesso a essas tecnologias?

Com efeito, resolvi pesquisar sobre essas indagações fundamentando esse trabalho com as vozes de professores de geografia lotados na rede municipal e estadual de ensino para que eles possam em sua fala relembrar sua trajetória profissional e os desafios que enfrentam diariamente para consolidar sua prática pedagógica.



Portelli (2010, p.2), desmistifica a ideia de o pesquisador ao utilizar a história oral estaria dando voz aos que não tem voz, para o historiador, “que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra. Isso é um trabalho político, porque tem a ver não só com o direito à palavra, o direito básico de falar, mas com o direito de falar e de que se faça caso, de falar e ser ouvido, ser escutado, de ter um papel no discurso público e nas instituições políticas, na democracia”.

Na fala dos professores procurei identificar momentos significativos em que puderam adotar novas metodologias como também as perspectivas futuras com relação à aprendizagem significativa na geografia, valorização profissional, melhores condições de trabalho.

NOSSO JEITO DE CAMINHAR NA HISTÓRIA ORAL

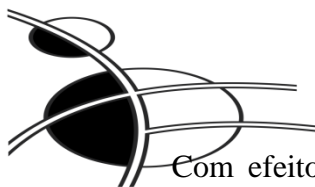
A história oral enquanto referencial teórico-metodológico proporciona ou outro enfoque aos estudos que vimos realizando com relação à formação de professores, em Geografia no município de Nova Russas. Ao ser utilizada nesse artigo, não pretende dar voz aos professores e professoras ouvidos, pois estes educadores já tem uma voz, mesmo que muitas vezes fique restrita aos desabafos em sala de aula, aos coletivos e planejamentos, aos encontros pedagógicos.

Assim como Portelli, quando ressalta em entrevista a importância da história oral, “buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes – que, sim, existem, porém ninguém as escutas, ou poucos as escutam – tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente.” (Bessa et al, 2010, p.2)

Destarte, a entrevista que possibilitou os professores narrar sua trajetória profissional mostra-se como um recurso importante para enriquecer e materializar as pesquisas dos autores que se debruçam sobre essa temática e que referenciam nosso artigo.

No momento da entrevista os professores permitiram-se ouvir suas próprias vozes tendo como base de sua narrativa a graduação, os cursos de formação que realizaram ao longo desse percurso, além de expressarem a necessidade de novas metodologias para construir uma aprendizagem em geografia.

No entendimento de Portelli (2001, p. 1), “como está implícito no próprio termo, a história oral é uma forma específica de discurso: *história* evoca uma narrativa do passado; *oral* indica meio de expressão.” (grifos do autor)



Com efeito, compreendemos que ao entrevistar o professor, compartilhar de suas experiências, angústias, esperanças e até mesmo resistência em falar um pouco de sua prática educativa nos possibilitou uma aproximação entre sujeito-pesquisado e o conseqüentemente com o nosso objeto de estudo, capturando informações preciosas sobre a realidade do ensino de geografia nesta urbe.

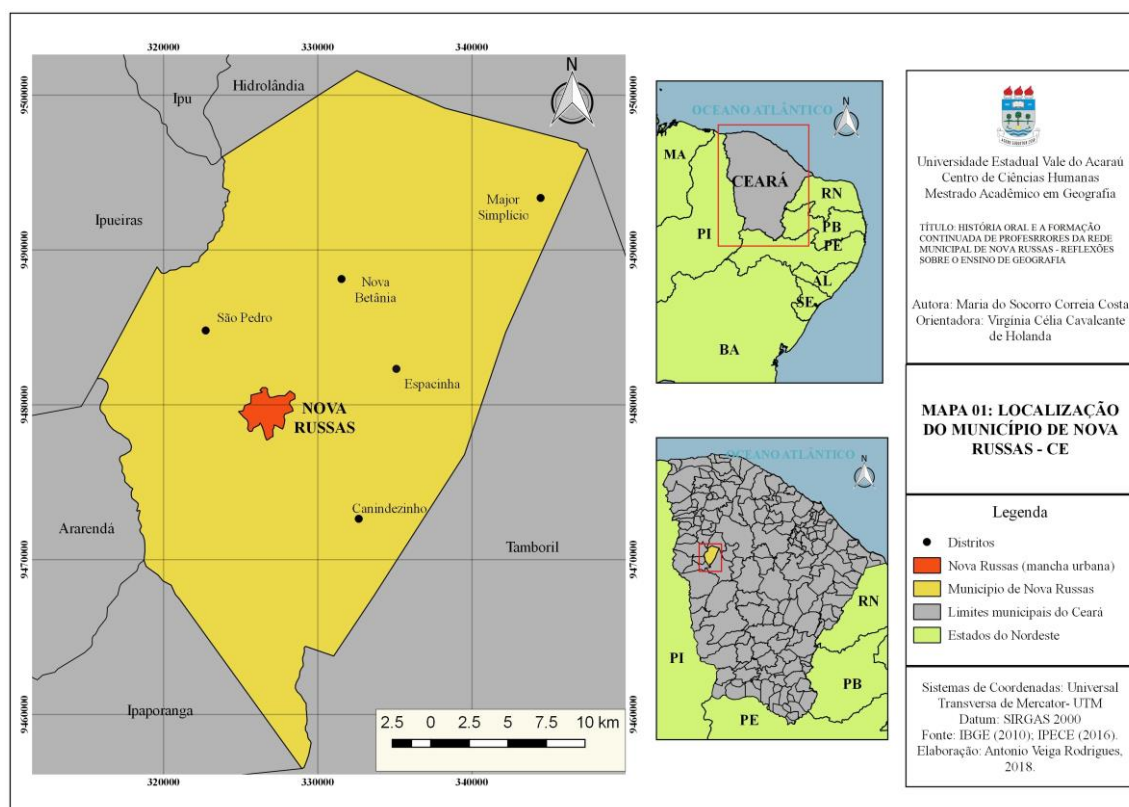
Com relação a essa relação de confiança que se estabelece entre pesquisadora e entrevistados e sobre a ética na história oral, Portelli (1997, p.1) orienta que “à semelhança de todos os pesquisadores, os historiadores orais têm a responsabilidade não só de obedecer as normas confiáveis, quando coligem de informações, como também de respeitá-las, quando chegam a conclusões e fazem interpretações – correspondam ou não a seus desejos e expectativas.”

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM NOVA RUSSAS – UMA HISTÓRIA RECENTE

Nova Russas é um município brasileiro situado no oeste do estado do Ceará, localiza-se na microrregião dos Sertões de Crateús, mesorregião dos Sertões Cearenses, com uma população de 30.977 habitantes (IBGE, 2010) e uma extensão de 741,4 km² e densidade demográfica de 41,69 hab/km². O município faz divisas ao norte com os municípios de Ipueriras e Hidrolândia, ao sul com o município de Crateús e Tamboril e a oeste com os municípios de Ararendá e Ipaporanga. Encontra-se dividido em seis distritos: Sede, Major Simplicio, Nova Betânia, São Pedro, Espacinha e Canindezinho. (Figura 1)



Figura 1 – Mapa de Nova Russas (CE)



Fonte: IBGE, 2010

A história da formação continuada de professores é recente, na verdade ainda está sendo escrita por vários autores: Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC, Secretaria de Educação de Nova Russas, Coordenadoria Regional de Desenvolvimento – CREDE 13, formadores municipais do eixo do ensino fundamental II, e professores – grandes protagonistas dessa história.

Desde a década de 90 inúmeras mudanças vem atingindo o cenário da educação brasileira tendo em vista a adoção da política neoliberal que trouxe consigo uma série de exigências não somente para a economia, configurando-se na educação a partir da exigência da gestão da qualidade total nas escolas, elevação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB³, avaliações externas (Enem⁴, Prova Brasil⁵ e Spaece⁶), política de valorização

³ Criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino. (INEP, 2018)

⁴ Exame Nacional do Ensino Médio.

⁵ A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos. (BRASIL, 2008)



de professores através da implantação do piso salarial nacional e formação inicial e continuada de professores garantidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96. Esse “pacote” de mudanças expressam o compromisso mantido entre o governo brasileiro e os organismos internacionais (Fundo Monetário Internacional –FMI e Banco Mundial) que passaram a financiar a educação brasileira e ainda diante da pretensão de ingressar na Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico –OCDE alcançando 6 pontos até o ano 2022, média correspondente ao sistema educacional dos países ricos e desenvolvidos.

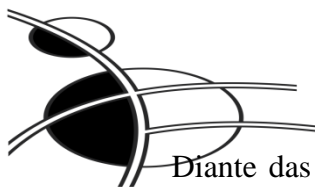
Nesse contexto, alguns países investiram e estão investindo pesadamente na ampliação da escolarização, em número de anos que crianças e jovens permanecem na escola para a formação, na educação continuada para os profissionais que já estão no mercado de trabalho e na qualificação dessa educação em todos os níveis, na perspectiva de desenvolvimento de sujeitos capazes de pensar e, por tal, atender a demandas que se apresentam sucessivamente e cada vez em ritmo mais acelerado. (Sposito, 2010, p. 302)

No Ceará essas mudanças se refletem através do Programa Alfabetização na Idade Certa – PAIC, transformado em política pública de educação em 2007, atuando inicialmente na formação continuada de professores e disponibilizando material didático estruturado para os alunos matriculados no 2º ano do Ensino Fundamental na rede municipal de ensino. Em 2015 o programa amplia-se do para todo o ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e abrangerá a partir de então o ensino fundamental II (6º ao 9º ano).

Em 2016, a política de formação continuada para os professores oferecida pela Secretaria de Educação do Estado destinava-se aos professores de Língua Portuguesa e Matemática por se tratarem de disciplinas bases das avaliações externas. Nesse sentido várias ações são desafiadas aos professores das referidas disciplinas com o intuito de familiarizar os alunos com o padrão das questões nas avaliações externas: simulados com base na matriz de referência⁶ do SPAECE, aulas, palestras motivadoras, enfim uma rotina “engessada” que vislumbra o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas à aprendizagem especificamente para esse tipo de avaliação em detrimento de outros saberes necessários à construção do conhecimento do educando.

⁶ O Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE) foi implementado em 1992 pela Secretaria da Educação (SEDUC), com o objetivo de promover um ensino de qualidade e equânime para todos os alunos da rede pública do estado. (CEARÁ, 2013)

⁷ É composta por um conjunto de descritores que explicitam dois pontos básicos do que se pretende avaliar: o conteúdo programático a ser avaliado em cada período de escolarização e o nível de operação mental necessário para a realização de determinadas tarefas.



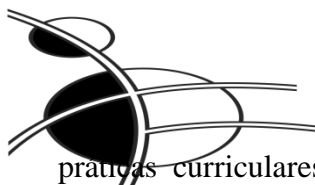
Diante das contribuições da Geografia para o entendimento crítico da realidade do mundo atual e a necessidade do desenvolvimento do raciocínio geográfico onde sejam trabalhados conteúdos significativos que tenham relevância social, foi instituído pela Secretaria de Educação de Nova Russas formações continuadas destinadas para professores lotados na disciplina de Geografia, tendo como escopo a contribuição dessa ciência nas avaliações externas, tendo em vista que o professor de Geografia lança mão de diferentes linguagens⁸ em suas aulas: fotografias, quadrinhos, charges, músicas, poesias, matérias de jornais e revistas – gêneros textuais importantes para a compreensão do espaço e das relações que nele são estabelecidas, condição *sine qua non* para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

O processo de formação do professor na maioria das vezes limita-se à graduação e à pós-graduação *Latu Sensu*, ficando a formação continuada muitas vezes a cargo do próprio professor quando esse tem interesse e participa de capacitações, congressos, seminários entre outros. Em sua rotina pedagógica, o profissional de geografia, especificamente não encontra um espaço para a formação continuada no ambiente escolar em virtude de uma carga horária a ser cumprida, planejamentos, preenchimento de diários, lançamento de notas, entre outros. Com efeito, o professor de geografia passa a estudar apenas o “conteúdo” para dar aulas ou fica a espera de formações oferecidas pelas esferas municipal, estadual ou federal, na maioria das vezes muito rápidos, com pouco aprofundamento teórico-metodológico e sem continuidade que acontecem esporadicamente.

A escola não tem se constituído como um lugar de estudo do professor, há carência de reflexão, o espaço/tempo do professor na escola se produz no vai-e-vem das sucessivas salas de aula e na “contida” sala de professores; e o tempo é cronometrado, em minutos de aula e de intervalo, em horas semanais (muitas!!!), bimestrais, semestrais..., compressão do espaço/tempo corroborada pelo produtivismo das atividades que resultam em salário/remuneração no final do mês. (Cavalcanti, 2010, p. 386)

Ao nos reportarmos às formações de professores em Geografia no âmbito federal, foi realizado em parceria com a CREDE 13 o Pacto Nacional de Fortalecimento do Ensino Médio destinado aos professores lotados na rede estadual no ano de 2013. Dentre os vários objetivos, destacamos a promoção da melhoria da qualidade do Ensino Médio e a reflexão sobre as

⁸ Seu papel, nesse sentido, é ampliar o uso de procedimentos de ensino que sejam propiciadores da manifestação dos sujeitos, de sua diversidade e do processo de significação de conteúdo, incluindo a música, a literatura, o cinema, a cartografia, o estudo do meio, os jogos de simulação. (Cavalcanti, 2008, p. 33)



práticas curriculares desenvolvidas nas escolas. Dividida em duas etapas, apresentava na primeira parte uma formação comum para os professores participantes:

- O Jovem como Sujeito do Ensino Médio;
- Currículo do Ensino Médio;
- Áreas de Conhecimento e Integração Curricular;
- Organização e Gestão do Trabalho Pedagógico;
- Avaliação no Ensino Médio.

A segunda etapa mais direcionada para as áreas de atuação dos professores, configurou-se da seguinte forma:

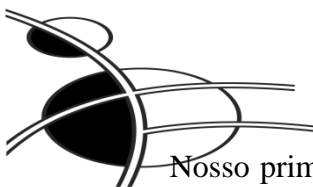
- Organização do trabalho pedagógico no Ensino Médio;
- Ciências Humanas;
- Ciências da Natureza
- Linguagens;
- Matemática.

Em parceria com a Universidade Federal do Ceará –UFC, os formadores eram professores das próprias escolas que após receberem as orientações por parte dos formadores desta Universidade promoviam momentos de estudos dentro das próprias escolas onde além da parte teórica eram gerados momentos de discussões pertinentes à realidade educacional em que estavam inseridos.

“ENSINAR EXIGE SABER ESCUTAR”

Escolhemos esse subtítulo do livro *Pedagogia da Autonomia* (1996), escrito pelo grande mestre Paulo Freire para apresentar a narrativa de quatro professores de Geografia lotados nas redes municipal e estadual de ensino de Nova Russas. Nessa importante atividade de saber escutar, Freire (1996, p. 127) nos ensina que “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que em certas condições, precise falar a ele.”

Para realizar este estudo, solicitamos aos professores entrevistados que falassem sobre sua trajetória profissional. A partir desse roteiro semiestruturado, os depoimentos desdobraram-se em outras falas: as contribuições que a formação continuada traz para sua prática em sala de aula, a forma como eles trabalham as categorias geográficas, os recursos didáticos, as expectativas futuras com relação à profissão e ao ensino de geografia.



Nosso primeiro depoente foi o professor Antonio José⁹, que leciona geografia no 6º ano B da Escola Municipal Zilmar Mendes Martins. Recém-formado em Matemática pelo Instituto Federal do Ceará- IFCE, o professor Antônio José recebeu estas aulas para completar sua carga horária, prática comum em muitas escolas onde a disciplina de geografia servia para complementar a carga horária do professor com cargo temporário mesmo que este tenha uma formação que não seja na área das ciências humanas.

Em sua fala o professor relatou que mesmo sendo formado em Matemática gosta de ministrar as aulas de Geografia e vê como grande desafio o baixo nível de alfabetização dos alunos:

Leciono em uma sala com 26 alunos e como eles têm um baixo nível de aprendizagem, faço desenhos no quadro para que eles possam compreender os conteúdos, porque se eu for ler do jeito que está no livro, eles não entenderão nada. Além do livro didático procuro utilizar vídeos e slides para ajudá-los no entendimento das matérias.

Apesar da formação em matemática, o professor Antônio José utiliza um importante recurso para o desenvolvimento do raciocínio geográfico: seus desenhos na verdade podem ser classificados como mapas mentais, que podem auxiliar os alunos na compreensão dos conteúdos em virtude do processo de aquisição da leitura e da escrita ainda não estarem consolidados, embora tenham sido promovidos para o ensino fundamental II.

De acordo com Santos (2010, p. 195), “trabalhar com desenhos é trabalhar com novas formas de ver e compreender as coisas” e verificar-comprovar as próprias ideias. O indivíduo, quando desenha, expressa uma visão e um raciocínio.”

Daniela Maia¹⁰ com 18 anos de profissão como professora concursada da rede municipal, lotada no Colégio Municipal 11 de Novembro, foi nossa segunda depoente. Graduou-se em Pedagogia em Regime Especial pela Universidade Vale do Acaraú-UVA em 1997 quando a referida Universidade implantou um *Campus* em Nova Russas e foi responsável pela formação de centenas de professores.

Um tempo depois de cursar pedagogia na UVA, fiz o Curso de Habilitação em geografia e história nessa mesma universidade e depois tornei-me especialista em história e geografia pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada – INTA em 2010. Depois que fiz esses cursos, passei a dar somente aulas de geografia e religião para completar a carga horária de 20h/a semanais.

Gostaria de participar de formações onde tivéssemos mais sugestões para motivar as aulas, pois as salas de aulas geralmente são lotadas e os alunos têm pouco interesse para aprender.

⁹ O entrevistado autorizou de forma documental usar seu nome próprio

¹⁰ O entrevistado autorizou de forma documental usar seu nome próprio



Nossa visita ao Colégio Municipal 11 de Novembro aconteceu na noite em que os professores da área das ciências humanas estavam reunidos para o planejamento, proporcionando a esta pesquisadora a escuta com vários profissionais da Geografia. Assim, continuamos nossa pesquisa ouvindo a história de dedicação da professora Diva Carvalho¹¹ que iniciou seu compromisso com a educação há 21 anos atrás quando tinha 23 anos de idade.

Minha primeira graduação foi em Pedagogia Especial – curso implantado em Nova Russas pela Universidade Vale do Acaraú em 1996, ingressei na segunda turma de Pedagogia. Por volta de 2003 cursei história e geografia nessa mesma Instituição e depois fiz especialização em história e geografia pelo Instituto Superior de Teologia – INTA. A partir de então passei a lecionar história e geografia na rede particular e na rede municipal.

Contrapondo as fala dos professores da rede municipal, ouvimos também a fala do professor Jorge Gonçalves¹² no contexto da educação profissional:

Iniciei minha caminhada como educador no Projeto Tempo de Avançar – Ensino de Jovens e Adultos no ensino fundamental. Quando já estava no 7º período do curso de geografia e história da Universidade Vale do Acaraú – UVA, fui convidado para atuar no ensino médio onde permaneci nessa escola – o Colégio Estadual Olegário Abreu Memória por 12 anos lecionando as disciplinas de história e geografia. Atualmente atuo na EEEP Manoel Abdias Evangelista onde atuo como professor de geografia além de paralelo a esse trabalho atuo há 15 anos no Colégio Vale do Curtume que pertence à rede particular.

Na fala dos professores Daniela Maia, Diva Lopes e Jorge Gonçalves há um consenso sobre a importância da chegada do Campus da Universidade Vale do Acaraú em Nova Russas no ano de 1996, configurando-se como um divisor de águas na formação e educação desse município. Diante da dificuldade de ingressar em um curso de graduação regular, pois a cidade mais próxima a Nova Russas que oferecia o curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE era Crateús a 90 km de distância e no período noturno, os cursos em “regime especial” oportunizaram professores das redes municipal e estadual sua primeira graduação. Inicialmente ofertado o curso de Pedagogia em regime especial acontecia nas férias de julho e dezembro ministrado por professores da própria UVA e por outras Instituições Superiores. Criticado até mesmo pelos professores pertencentes à casa, o curso de Pedagogia abriu precedentes para que os professores buscassem cursos de

¹¹ O entrevistado autorizou de forma documental usar seu nome próprio

¹² O entrevistado autorizou de forma documental usar seu nome próprio



especializações e habilitações com área específica que a partir dos anos 2000 foram ofertados pelo Instituto Vale do Acaraú – IVA, mas com diplomas chancelados pela UVA.

Os cursos de habilitação por área específica ofertados eram: história e geografia (cursado pelos referidos entrevistados), biologia e química, matemática, letras em julho de 2003 foi ofertado o curso de licenciatura específica em geografia, proporcionando um novo olhar sobre essa disciplina já que a maioria dos cursistas eram professores da referida disciplina que buscavam fundamentação teórica, novas metodologias a fim de trabalhar conteúdos significativos em sala de aula. Falamos com propriedade do curso de geografia porque o mesmo nos proporciona até hoje grande crescimento profissional.

No tocante às formações oferecidas pela Secretaria de Educação de Nova Russas, o professor Antonio José nos revela:

Como sou formado em matemática, a maioria das formações que assisto são nessa área. Já participei das formações para a área das ciências humanas, mas foram poucas. Mesmo assim, espero que com as formações possamos ter resultados melhores do que nos outros anos, que nas formações todos pudessem discutir os mesmos assuntos através de um *brainstorming* onde os professores sugerissem boas ideias para que fossem trabalhadas em sala de aula.

Sobre as contribuições que as formações continuadas podem trazer à prática em sala de aula, a professora Diva Carvalho assim relatou:

Vejo as formações como positivas, as instruções que a gente recebe nos cursos que a gente faz, o ponto negativo na verdade é uma utopia: uma receita pronta que queríamos receber nas formações pois precisamos de metodologias que possam alcançar todos. Acho as formações oferecidas pelo município importantes pelo simples fato do encontro, de estar reunido com outros professores, discutindo sobre os conteúdos, embora elas aconteçam longe uma da outra, deixando lacunas.

Participando de formações promovidas pelo governo federal e estadual, o professor Jorge Gonçalves diz:

Acho de fundamental importância a formação continuada por área. O que a gente vê hoje é uma preocupação com a formação do professor mas esta não acontece na área específica em que ele atua. Fui convidado para participar de um projeto de formação continuada de professores onde se estudava a legislação educacional brasileira e numa outra etapa estudamos as quatro áreas do conhecimento: linguagens e códigos, ciências da natureza, matemática e ciências humanas. Foi uma experiência muito boa pela troca de informações e experiências. O planejamento conjunto é uma forma de formação continuada.

Ao indagarmos sobre a importância da formação continuada e as mudanças relevantes na aprendizagem todos enfatizaram a necessidade de que nestes encontros sejam



propostas novas metodologias, abordagens significativas para trabalhar assuntos que o professor julga distante da realidade do aluno. Essa necessidade de novas metodologias revela ainda uma formação inicial fragmentada, devido à compactação da carga horária ou do aligeiramento do próprio curso, da ausência de bibliotecas nos Campus que possibilitasse o aprofundamento do referencial teórico trabalhado nas aulas.

De acordo com Castellar (2010, p. 41), “uma formação precária implicará na falta de compreensão do papel que o currículo tem na formação do aluno”. Compreendemos ainda que esse “aligeiramento” acontece ainda hoje em virtude das condições de mercantilização da educação, reflexo da política neoliberal brasileira.

Sobre a dualidade e debates existentes entre a geografia acadêmica e a geografia escolar o professor Jorge Gonçalves fez a seguinte reflexão:

Quanto à formação docente, percebo que da Universidade para a prática há uma distância enorme porque a teoria que recebemos às vezes é muito superficial e na prática, dando aulas é onde realmente se aprende, pois a aprendizagem se dá é na vivência, embora a formação acadêmica seja muito importante, e embora eu tenha feito uma graduação fragmentada porque foi em regime especial, mas me possibilitou o encantamento com a geografia e a história.

Esse distanciamento entre a geografia que se aprende nas e a que se ensina nas salas de aula é o cerne de vários debates dos teóricos que estudam a didática da geografia, que vêm buscando nos encontros nacionais e regionais analisar o ensino de geografia propondo orientações junto aos livros didáticos, diretrizes curriculares e na base nacional curricular comum. Nesse sentido, Cavalcanti (2008, p. 25), explica que “a estruturação da geografia escolar é realizada e praticada, em última instância, pelo professor dessa matéria, em seu exercício profissional cotidiano. Para isso, ele tem múltiplas referências, mas as mais diretas são, de um lado, os conhecimentos geográficos acadêmicos, tanto a geografia quanto a didática da geografia, e, de outro, a própria geografia escolar já constituída.”

Refletindo sobre a prática docente propomos que os professores falassem sobre o desenvolvimento do seu planejamento e que comentassem sobre as bases teórico-metodológicas do ensino de geografia. Para a professora Diva Carvalho:

Como recurso para dinamizar as aulas, realizo sempre que possível aulas de campo, a aula de campo proporciona um outro olhar sobre a paisagem, diferente a imagem fria, estática e limitada do livro. Moramos numa região de caatinga e pensamos que todos os alunos conhecem essa vegetação e no entanto, descobrimos que não é bem assim, que há necessidade da prática. Outros recursos são os vídeos, na cartografia uso mapas, croquis, planisfério e imagens de internet como outro dia que mostrei para os alunos uma transmissão ao vivo da Nasa, coisa que há um tempo atrás não era possível.



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Com relação aos elementos chaves da geografia: espaço geográfico, lugar, paisagem, território e região, considero o lugar como o mais importante porque ele também pode ser substituído pela palavra afetividade e quando se tem afetividade você quer cuidar, quer melhorar, tudo isso leva ao desenvolvimento do senso crítico. Falar e compreender o lugar e as suas dimensões é o cerne do entendimento das categorias geográficas.

Fala do professor Jorge Gonçalves

Na Escola Profissionalizante o maior desafio é a preparação do aluno para o encantamento com a disciplina de geografia, torna-se desafiante porque temos que alfabetizá-los para uma linguagem geográfica porque eles não têm muito esse encanto no ensino fundamental, pode ser devido ao fato de que no município não há essa preocupação em lotar o professor de geografia que seja formado na área, diferente das escolas do estado que têm esse cuidado.

Digo para os meus alunos no primeiro dia de aula que a disciplina mais interdisciplinar é a geografia porque trabalhamos com a matemática e todas as linguagens.

Hoje somos muito cobrados a alcançar bons desempenhos nas avaliações de larga escala e considero o ensino de geografia de fundamental importância para dar suporte a língua portuguesa e matemática porque trabalhamos com leitura e interpretação. Nas minhas aulas tento agregar as competências e habilidades que são propostas nessas avaliações.

Conforme Libâneo (1994, p.222), “ o planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação.”

Com relação à fala dos professores no que tange aos conteúdos trabalhados, percebemos que os mesmos tem a preocupação de planejar suas aulas articulando o local e o global no intuito de desenvolver o raciocínio geográfico, agregam a esse planejamento diferentes linguagens para superar a tradição da aula expositiva e do livro didático nas aulas de geografia. Conforme se percebe na fala do professor Jorge Gonçalves, o mesmo realiza seu planejamento baseado nas orientações curriculares propostas para o ensino médio, norteadoras dos conteúdos e resultados que tem como foco as avaliações externas a que são submetidos os alunos no estado do Ceará: Spaee e Enem. Ambos concordam ainda no papel da ciência geográfica para o entendimento de outras disciplinas: língua portuguesa, matemática, história, ciências; e na importância do seu trabalho enquanto mediador desses saberes que têm como espaço privilegiado o lugar para compreender as demais relações socioeconômicas, políticas e culturais para o entendimento do mundo em que vivemos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa primeira experiência em usar a história oral como metodologia de pesquisa nos proporcionou um enfoque real do nosso objeto de pesquisa – a formação de professores, bem como nos possibilitou um momento de diálogo com professores de redes distintas – municipal e estadual e nesse momento de reciprocidade compartilhar experiências, angústias, esperanças com relação à mudança de postura do alunado que na maioria das vezes apenas frequenta a escola, colocando o professor de geografia numa posição desconfortável pois muitas vezes essa disciplina é colocada em segundo plano, vista como a disciplina que não pode reprovar o aluno caso ele esteja aprovado em língua portuguesa e matemática. Enfim, esse novo olhar metodológico baseado na fala, na troca de saberes nos permite uma apreensão realista do nosso objeto de estudo e do contexto em que o mesmo está inserido.

REFERÊNCIAS

BESSA, Telma, NEVES, Frederico de C., JUCÁ, Gizafran & MENEZES, Marilda. Entrevista com Alessandro Portelli. **Revista Historiar**. Sobral, v. 4. n. 4 (jan./jun. 2011).

CALLAI, Helena Copetti. **Projetos interdisciplinares e a formação do professor em serviço**. IN: **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. Educação Geográfica: Educação e Didática. In: **Formação de Professores: conteúdos e metodologias no Ensino de Geografia**. Goiânia: NEPEG, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia Escolar e a cidade**. Ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

_____, Lana de Souza. **Geografia, Escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2008.

_____, Lana de Souza. A geografia e a realidade escolar contemporânea: Avanços, caminhos, alternativas. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **SPAECE – 2016** / Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd. v. 1 (jan./dez. 2016), Juiz de Fora, 2016 – Anual.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROTTO. Eduardo Donizeti. **A Geografia importa!** (Um ensaio manifesto), 2015.

LIBÂNEO. José Carlos. **Didática**. Cortez: São Paulo, 2006.



PORTELLI, Alessandro. **História Oral como gênero**. São Paulo:2001.

_____, Alessandro. **História Oral e poder**. Fortaleza: 2009.

_____, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. São Paulo: 1997.

SANTOS, Clézio. O uso do desenho no ensino fundamental: imagens e conceitos. IN: **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2010.

SPOSITO, Maria da Encarnação. As diferentes propostas curriculares e o livro didático. IN: **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2010.